

Lembrando as eleições

Nair Lacerda

Colaboradora

Bem-aventurados os pobres de espírito. É verdade que isso depende da interpretação do que venha a ser um pobre de espírito. Mas tomemos como aceito serem pobres de espírito os de todo ignorantes, aqueles cuja malícia ainda é ignorância pura. E teremos os bem-aventurados que, nas últimas eleições, votaram em artistas ou desportistas, não candidatos, ou, simplesmente, escreveram nas cédulas as bonitas coisas que os moleques costumam escrever nos muros.

Desiludidos de tudo e de todos, tais eleitores. Que contribuição terá dado cada um deles para o progresso de sua terra, a fim de justificar tal desilusão, quando mais não fosse senão cuidando de ser, pessoalmente, um pouco mais esclarecido? A que trabalhos públicos se terão dedicado esses ferozes críticos, que tão alegremente abdicam de seu direito a opinar, transformando-o em troça reveladora da mais completa e triste imaturidade? Quando, e de que forma, serviram eles seu País, seu Estado, seu município, o bairro em que residem ou a rua em que moram? A que sociedades dedicadas ao bem-estar da coletividade pertencem eles?

Sair de casa, entrar numa fila, meter-se numa cabine indevas-

sável, assinar um nome, observar todo o movimento que um dia de eleições acarreta, e ter a certeza de que, com todos aqueles gestos, com toda aquela encenação, nada mais fez senão molecagem que muito garoto inteligente jamais seria capaz de aplaudir. Levar um ponto tal a sua indiferença pela sua terra e pela sua gente, que pouco lhe importa saber quem vai governá-la. Cheira-lhe de tal maneira a podre o chão que pisa, são de tal forma indignos de sua consideração todos, mas todos os nomes apontados, é uma desgraça tão completa, uma sujeira tão irremediável à sua terra, que o máximo que se pode fazer por ela é sujá-la ainda mais, enfraquecê-la ainda mais.

Votar em branco já é algo doloroso, já demonstra uma incapacidade de julgar, de escolher, não o melhor, se melhor não houver, mas o "menos pior". Esse, haverá sempre. Mas há os melhores, também. E quem não tem compromissos políticos ou ambições inconfessáveis, encontra sempre alguém a quem confiar seu voto. Alguém que talvez não consiga eleger-se. Mas que saberá que não foi ignorado por outros alguéms interessados em dar caráter e decência à representação popular de sua terra.

Tivemos eleições tranquilas, no primeiro turno, apesar de alguns prognósticos pessimistas. Votou-se, e isto é importante.

Houve candidatos à reeleição que tiveram seus mandatos casados, não por uma decisão do alto, mas pela manifestação do próprio povo, que os não reconduziu aos lugares que, em sua grande maioria, não souberam honrar.

E houve os que, afastados há muito tempo das lides políticas, não sendo mesmo políticos na extensão da palavra, venceram lindamente, levados ao seu posto pela mão certa e segura do eleitor certo e seguro de seu direito de escolher.

Os moleques divertiram-se. Não sei se não lhes queima o rosto o ardor da vergonha, agora. Não sei se compreendem que perderam o direito de censurar o que se passar daqui por diante, de vez que não se mostraram resolvidos a participar do momento em que todos os cidadãos dotados de razão se vêem chamados à boca das urnas.

É uma pena, o espetáculo que dão de si próprios esses anônimos gozadores da nação. Provavelmente, trata-se dos que jamais levantaram um dedo em benefício da comunidade. Os que têm o hábito de prestar seus serviços às entidades assistenciais ou culturais que vivem da boa vontade e do amparo do povo não costumam alhear-se nem omitir-se, nessas ocasiões. E, muito menos, usar uma cédula e uma urna para dar vazão àquela bem-aventurada ignorância.

25/12/94